

VOLUME 20, NÚMERO 02, MAIO/AGOSTO DE 2019

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INTERCULTURALIDADE

Quando Flora o Ipê

*Como é bonito ver o ipê que flora,
Pelo cerrado neste mês de agosto.
Com tanta seca, tanto cinza exposto
E tanta aridez pelo campo afora,*

*O Amarelo-Roxo, abre, revigora,
Feito um doce alento a bater no rosto,
Como se Deus ali tivesse posto
Um sopro de vida, num mundo que chora.*

*Olhando o cerrado, penso agora em mim!
Ando distorcido, ando tão descrente
Como há muito tempo, não me via assim.*

*Mas minha cabeça, esperançosa vê,
Que no meio de tudo in-sis-ten-te-men-te
... Flora lá bem longe... pequeninho ipê...*

(Jenário de Fátima)

A edição da Revista Ciências Humanas se apresenta aos leitores nesse final de inverno... que significa no início de primavera! Traz em sua capa o Ipê Amarelo, árvore símbolo do Brasil. Queremos pensar que a ideia de símbolo não emerge de sua cor amarela, contrastante como a mata verde ou o azul do céu, mas de sua força e sua resistência: o Ipê perde suas folhas e fica completamente despido no inverno, quanto mais seco e severo for a estação, mais exuberante será a florada. É como se guardasse a reserva de suas forças para explodir em flor, produzindo uma grande quantidade de flores e frutos com sementes.

O Ipê é um chamamento para cada um de nós ser força e resistência!

Em difíceis tempos brasileiros para a ciência, para a pesquisa e para a educação, colocar em tela a formação de professores e a interculturalidade é sim apresentar uma florada, lançar em sementes...

Pensar em interculturalidade implica reconhecer a diversidade cultural como reserva da humanidade para elaborar um projeto alternativo com o objetivo de criar condições práticas para que cada um possa levar uma vida digna dentro do universo cultural ao qual pertence.

O dossiê que apresentamos aborda a presença dessa perspectiva e da importância da competência intercultural na formação de professores em todas as áreas, e foi organizado com o objetivo de contribuir para ampliar a discussão sobre temas contemporâneos, com vista a problematizar os processos formativos e atender as complexas redes cotidianas do fazer educativo nas quais se movimentam os sujeitos formadores.

No cenário atual, precisamos questionar como formar professores para o enfrentamento de desafios presentes no contexto social e, particularmente, escolar. As questões étnicas, as questões de gênero, as desigualdades sociais, a fome, os valores, a diversidade de costumes e de religião, de gosto musical, a educação no campo, a escola indígena, o multiculturalismo, a interculturalidade e a territorialidade são temas que estão postos e necessitam que ajustemos nossas lentes para que sejam melhor compreendidos, para que sejam respeitadas suas diferenças mantendo, assim, a luta pela identidade étnico-cultural.

O atual processo de globalização, os movimentos migratórios tão intensos que ocorreram nas últimas décadas e que estão ocorrendo atualmente e a realidade sócio-histórica das sociedades latino-americanas, conscientizam-nos do caráter pluricultural de nossas sociedades. Esse multiculturalismo é uma riqueza que tem sido invisibilizada em nossas sociedades, especialmente na cultura escolar.

A educação escolar contemporânea tem hoje o compromisso e o desafio de enfrentar tais temas, pois jovens e crianças buscam no ambiente escolar possíveis explicações e respostas para o que não compreendem e que os aflige. A escola é a instância privilegiada para propiciar aos estudantes, de qualquer nível de ensino, a apropriação de conhecimentos que os ajudem a tomar decisões fundamentadas sobre os elementos que constituem o seu cotidiano, transversos por valores e requerendo uma vivência de solidariedade, respeito e tolerância, para de fato promover um projeto comum, social e cultural.

É importante demarcar que a preeminência da educação européia-ocidental tem sido e continua sendo hegemônica na escola, que foi um elemento de aculturação e até etnocídio das culturas indígenas e afro-americanas. No entanto, nas últimas décadas e impulsionado pelas lutas e ressurgimento das identidades indígenas e afro-americanas, a perspectiva intercultural tem surgido para dar visibilidade à diversidade constitutiva das sociedades latino-americanas.

É nesse movimento que se encontra o trabalho dos professores. Vale lembrar que os cursos de formação, em sua maioria e, em particular, as licenciaturas, encontram-se, desde o início do século XX, presos a estruturas e padrões que há muito tempo vem demonstrando sua exaustão, principalmente diante dos contextos sociais e interculturais da atualidade. Pode-se, assim, reconhecer o fosso que há entre os processos formativos e a realidade intercultural contemporânea, tendo o professor a transitar entre esses dois domínios e exercer seu trabalho na escola, na sala de aula.

Claramente há que considerar a complexidade do trabalho docente e repensar os processos formativos do professor, imprescindíveis para uma compreensão da dinâmica do mundo contemporâneo globalizado. As instituições formadoras necessitam considerar a função social do trabalho do professor e que essa seja a diretriz para a formação docente, ou seja, que o licenciado tenha a consciência da função social de seu trabalho.

São muitos os desafios e dilemas que estão postos na contemporaneidade, a problematização dos mesmos deve guiar novos estudos que contribuam para uma compreensão do mundo atual. Ainda que sejam tímidas e localizadas as pesquisas e os

estudos que visam neste campo, estes devem ser incentivados a exemplo dos textos aqui apresentados, mesmo diante das dificuldades por que passam as instituições universitárias e os órgãos financiadores de pesquisas educacionais.

Acreditamos que o conhecimento produzido em nossas universidades representam sim uma “resposta” ao cenário sombrio que se construiu em nosso Brasil, representa resistência. Cada artigo que compõe o Dossiê Formação de Professores e Interculturalidade, e a Edição como um todo em seus dez textos, é uma manifestação de que podemos sim pensar *in-sis-ten-te-men-te* o Mundo como um lugar onde caibam todos, ou ainda, que cada um de nós pode tomar para si as dores do Mundo!

... Flora lá bem longe... pequeninho ipê..

Frederico Westphalen, início da primavera 2019.
Profa. Dra. Luci T. M. dos Santos Bernardi (URI – Brasil)
Profa. Dra. Nadir Castilhos Delizoicov (UFSC – Brasil)
Prof. Dr. Jorge Alejandro Santos (UBA – Argentina)